



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 2019

Dossiê Antonio Candido

Antonio Candido, Roberto Schwarz e Haroldo de Campos: leituras em constelação

Antonio Candido, Roberto Schwarz and Haroldo de Campos: readings in constellation

Karina de Castilhos Lucena¹

Resumo: Ao cruzar a História da literatura e os Estudos da tradução – dois campos próximos mas nem sempre em diálogo –, este texto propõe que nomes incontornáveis para essas áreas em contexto brasileiro podem ser mobilizados para pensar o lugar da tradução na história literária. Esses nomes são Antonio Candido e Roberto Schwarz, na História literária, e Haroldo de Campos, nos Estudos da tradução. Esse cruzamento permite a remissão aos escritos de Walter Benjamin, referência para os críticos brasileiros aqui mencionados, e obstinado articulador de áreas.

Palavras-chave: História da literatura; Estudos da tradução; Walter Benjamin; Tradução no sistema literário brasileiro.

Abstract: By crossing the History of Literature with the Translation Studies – two close fields, although not always in dialogue – this text intends to mobilize the work of some unavoidable names of these fields in Brazil, in order to think the position of translation in literary history. These names are Antonio Candido and Roberto Schwarz, in the History of Literature, and Haroldo de Campos, in the Translation Studies. The crossing between these fields allows us to refer to the writings of Walter Benjamin, a reference for these Brazilian critics and an obstinate articulator of areas.

Keywords: History of Literature; Translation Studies; Walter Benjamin; Translation in Brazilian literary system.

Walter Benjamin dedicou mais de um ensaio a explicitar a noção *Aufgabe* que, em português, guarda o duplo sentido de tarefa e renúncia². A insistência de Benjamin no conceito sugere que o debate ultrapassa os limites semânticos para encaminhar um procedimento metodológico. A tarefa do tradutor, do crítico/historiador literário, do

¹ Professora do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Nas palavras de Jeanne Marie Gagnebin: O verbo *aufgeben*, do qual provém o substantivo *Aufgabe*, significa “entregar”, no duplo sentido do termo: “dar” (*geben*) algo a alguém para que cuide disso (por exemplo, entregar uma carta ao correio), mas também dar algo a alguém, abrindo mão da posse do objeto (por exemplo, entregar uma cidade ao inimigo). A segunda acepção é mais forte no uso intransitivo do verbo: *ich gebe auf* – “renuncio”, “desisto”, “me entrego”. Essa ambivalência está presente no substantivo *Aufgabe*, entendido como “proposta”, “tarefa”, “problema a ser resolvido”, mas no qual ressoam também as ideias de “renúncia” e “desistência”. (in BENJAMIN, 2013, p. 101)



historiador materialista inclui a renúncia a modelos anteriores, tidos por Benjamin como conservadores; ou seja, a tarefa desses agentes encerra uma atitude inconformista.

Três textos clássicos de Benjamin parecem atestar essa premissa. Em *A tarefa do tradutor* (1921), a tradução aparece como uma forma que se associa ao original para revelar a língua pura, em oposição a uma “defunta teoria da tradução” (2013, p. 108). Em *História literária e ciência da literatura* (1931), a tarefa do crítico/historiador literário é preocupar-se com figuras e problemas, o ciclo global de vida das obras, e não incidir na crença de uma representação global (2018, p. 138). Nas célebres teses *Sobre o conceito de história* (1940), Benjamin propõe escrever a história a contrapelo, identificar constelações saturadas de tensões, tarefa do historiador materialista, numa recusa a um historicismo homogêneo e vazio (in LÖWY, 2005)³.

Ainda está para ser contada a história da recepção dos escritos de Walter Benjamin no Brasil⁴. Trata-se de fenômeno de proporções grandiosas e às vezes inusitadas, pois teóricos que localmente podem ser tidos como antagônicos valem-se de Benjamin para defender seu ponto de vista. Tentando evitar a polêmica vazia, o objetivo deste texto é demonstrar como Antonio Candido, Roberto Schwarz e Haroldo de Campos, críticos divergentes em inúmeros pontos (menos Candido e Schwarz entre si, mas sim eles em relação a Haroldo), mobilizam o aparato conceitual benjaminiano em suas análises. Esse é o ponto inicial da reflexão. Com isso, propomos que a filiação benjaminiana dos três brasileiros nos autoriza a aproximá-los para pensar um problema específico: o lugar da tradução no sistema literário brasileiro.

Antonio Candido e Roberto Schwarz são nomes incontornáveis da história literária brasileira. A história da tradução no Brasil não pode ser escrita sem Haroldo de Campos. Se cruzamos esses dois campos (a história literária e a história da tradução), os três críticos, postos em diálogo, iluminam problemas às vezes lateralizados nos debates

³ Escrevi sobre a proximidade das tarefas do tradutor, do crítico/historiador literário e do historiador, a partir de Benjamin, em outro ensaio: *História, História da literatura, História da tradução: a tarefa-renúncia*, disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/16628>>.

⁴ Um excelente estudo, cobrindo o período de 1960 a 2005, foi realizado por Gunter Karl Pressler: *Benjamin, Brasil* (São Paulo: Annablume, 2006). Considerando que a obra de Benjamin entrou em domínio público em 2010, o que impulsionou novas edições em alemão e novas traduções em português, ainda há muito a ser estudado sobre a recepção de Benjamin no Brasil.



de cada campo em separado. Nem sempre a história literária está atenta à tradução; nem sempre os estudos da tradução expõem uma concepção efetiva de história. Já que Benjamin é presença marcante no ambiente intelectual brasileiro – incluindo os três intelectuais aqui mencionados – e já que Benjamin se ocupou de definir a tarefa inconformista do tradutor, do crítico/historiador literário e do historiador, parece válido aproximar Candido, Schwarz e Haroldo para pensar a dinâmica tradução e sistema literário.

Antes de avançarmos, uma ressalva se impõe. Não há dúvida de que Walter Benjamin integra o arcabouço teórico de Roberto Schwarz e Haroldo de Campos, ele aparece citado em mais de um texto dos críticos brasileiros. Com Antonio Candido, a mediação é diferente; Benjamin não compõe o raciocínio de Candido diretamente, mas ambos compartilham os pressupostos da crítica materialista. Trata-se de um caso em que duas inteligências, uma no centro outra na periferia, guiadas por premissas afins, podem ser postas em diálogo pelos resultados que alcançaram. É precisamente esse o movimento feito por Roberto Schwarz na parte inicial de *Sequências brasileiras* (1999) cujo centro é o comentário sobre o método crítico de Candido. Em *Adequação nacional e originalidade crítica*, avaliação do estudo canônico de Candido sobre *O cortiço*, Schwarz afirma:

[...] o golpe de vista para o parentesco histórico entre estruturas díspares é talvez a faculdade-mestra da crítica materialista, para a qual a literatura trabalha com matérias e configurações que lhe emprestam a substância e qualificam o dinamismo. Repetamos que o objetivo desse tipo de imaginação não é a redução de uma estrutura na outra, mas a reflexão histórica sobre a constelação que elas formam. Estamos na linha *estereoscópica* de Walter Benjamin, com a sua acuidade, por exemplo, para a importância do mecanismo de mercado para a compleição da poesia de Baudelaire. (2014, p. 32)

Ou seja, Schwarz identifica como benjaminiana a metodologia de Candido em *De cortiço a cortiço* (1991), nomeando como estereoscópica, constelar, a reflexão apurada sobre a dinâmica entre história e literatura. O próprio Candido parece operar em sintonia com a discussão de Benjamin sobre a tarefa-renúncia do crítico/historiador literário na Introdução a *Formação da literatura brasileira* (1959):

Quando nos colocamos ante uma obra, ou uma sucessão de obras, temos vários níveis possíveis de compreensão, segundo o ângulo em que nos situamos. Em primeiro lugar, os fatores externos, que a vinculam ao tempo e se podem resumir



na designação de sociais; em segundo lugar o fator individual, isto é, o autor, o homem que a intentou e realizou, e está presente no resultado; finalmente, este resultado, o *texto*, contendo os elementos anteriores e outros, específicos, que os transcendem e não se deixam reduzir a eles. Se resistirmos ao fascínio da moda e adotarmos uma posição de bom senso, veremos que, num livro de história literária que não quiser ser parcial nem fragmentário, o crítico precisa referir-se a estas três ordens de realidade, ao mesmo tempo. É lícito estudar apenas as condições sociais, ou as biografias, ou a estrutura interna, separadamente; nestes casos, porém, arriscamos fazer tarefa menos de crítico, do que de sociólogo, psicólogo, biógrafo, esteta, linguista. (2007, p. 35)

A tarefa do crítico/historiador literário para Candido é mostrar as articulações entre fatores sociais (externos), fatores individuais (autor) e o texto, e não parece equivocado identificar nesse procedimento a constelação benjaminiana, acompanhando a leitura de Schwarz. Além disso, a tarefa crítica esboçada na Introdução da *Formação* guarda, como em Benjamin, a renúncia a um modelo dado, “ao fascínio da moda” nos termos de Candido, nesse caso referindo-se tanto ao historicismo meramente cumulativo, quanto ao estruturalismo e ao biografismo.

A recorrência ao conceito benjaminiano de “constelação” pede um comentário mais detalhado, especialmente porque tanto Roberto Schwarz quanto Haroldo de Campos utilizam essa noção para avaliar o trabalho de Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*. Nas teses *Sobre o conceito de história*, Benjamin apresenta sua ideia de constelação nos seguintes termos:

O Historicismo contenta-se em estabelecer um nexu causal entre os diversos momentos da história. Mas nenhum fato, por ser causa, já é, só por isso, um fato histórico. Ele se tornou tal postumamente, graças a eventos que dele podem estar separados por milhares de anos. O historiador que parte disso cessa de passar a sequência dos acontecimentos pelos seus dedos como as contas de um rosário. Ele apreende a constelação em que sua própria época entrou com uma determinada época anterior. Ele fundamenta, assim, um conceito de presente como tempo-de-agora, no qual estão incrustados estilhaços do tempo messiânico. (in LÖWY, 2005, p. 140)⁵

Assim, a constelação benjaminiana implica a consciência, por parte do historiador, de que seu ponto de vista é temporalmente localizado, que é do presente que ele acessa o passado que, por sua vez, apresenta-se como problema, não como fato consumado. Em

⁵ Utilizo a tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller, incluída em Michael Löwy, *Walter Benjamin: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*, São Paulo: Boitempo, 2005. As demais citações das *Teses* de Benjamin também seguem essa tradução.



oposição ao historicismo que encadeia acontecimentos como contas de um rosário, Benjamin reafirma a tarefa inconformista do historiador que, mais do que buscar causalidades, é capaz de identificar pontos de tensão (estilhaços) que funcionam como concentrados históricos. Em outro momento das *Teses*, Benjamin recorre ao conceito de “mônada” para elucidar sua metodologia:

O Historicismo culmina de direito na história universal. Dela se destaca, pelo seu método, a historiografia materialista, de maneira talvez mais clara do que qualquer outra. A primeira não tem armação teórica. Seu procedimento é aditivo: ela mobiliza a massa dos fatos para preencher o tempo homogêneo e vazio. À historiografia materialista subjaz, por sua vez, um princípio construtivo. Ao pensar pertence não só o movimento dos pensamentos, mas também a sua imobilização [...]. Onde o pensamento se detém repentinamente numa constelação saturada de tensões, ele confere à mesma um choque através do qual ele se cristaliza como mônada. O materialismo histórico se acerca de um objeto histórico única e exclusivamente quando este se apresenta a ele como uma mônada. (in LÖWY, 2005, p. 130)

Estamos, então, operando com noções caras à crítica materialista – a história como problema, o historiador perseguindo pressupostos dialéticos – que em Benjamin se manifestam nas imagens da constelação e da mônada. Talvez essa teorização imagética de Benjamin, aliada a uma escrita fragmentária especialmente aberta a um sem número de interpretações, explique parte da variada recepção da obra benjaminiana, em especial no Brasil. Outros fatores que certamente se somam a essa variedade: certa heterodoxia de pensamento (marxismo e messianismo, para ficar no mais famoso de seus impasses); as condições terríveis de escrita enfrentadas por um judeu no entreguerras, as dificuldades de publicação e a consequente instabilidade das primeiras edições dos textos de Benjamin; a quantidade de traduções que esses instáveis originais desencadeiam. Esses podem ser fatores que, por decisão de Benjamin ou por imposição do período, conferem abertura e ecletismo aos escritos benjaminianos. Como dissemos, teóricos de orientações diversas como são Roberto Schwarz e Haroldo de Campos, para ficar nos nomes que nos interessam aqui, empregam noções benjaminianas para avaliar de forma oposta a *Formação* de Antonio Candido. Antes de avançar no detalhamento dos pontos de vista divergentes de Schwarz e Haroldo, cabe defender que essa heterodoxia da escrita de Benjamin, que rende uma recepção não menos variada, é melhor compreendida se vista como potência. A recepção de Benjamin no Brasil é um caso ótimo para pensarmos as



formas como a periferia se apropria das ideias do centro, com toda a carga de criatividade, originalidade e, é preciso dizer, provincianismo e fetichismo implícitos nessa apropriação. Ao estudar Benjamin, torna-se mais difícil sustentar a crença da leitura única, da tradução definitiva, etc; é um autor que realmente se presta à multiplicidade interpretativa, o que não autoriza, obviamente, a falta de rigor intelectual.

Em *Os sete fôlegos de um livro*, Schwarz avalia elogiosamente o trabalho de Candido na *Formação*, demonstrando o salto que o livro representa em relação às histórias literárias anteriores (José Veríssimo) e a pesquisas de outros campos contemporâneas à de Candido (Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Celso Furtado). Localiza a escrita da *Formação* no contexto nacional dos anos 1940-50, e destaca a precisão metodológica de Candido capaz de iluminar os impasses entre literatura e sociedade e de lançar perguntas até então inalcançáveis. Nas palavras de Schwarz:

Na altura em que Antonio Candido escrevia, na década de 40 e 50, a sociedade brasileira lutava para se completar no plano econômico e social. O impulso formativo recebia o influxo materialista da industrialização em curso e tinha como aspiração e eventual ponto de chegada o país industrial, que se integra socialmente através da reforma agrária, superando o atraso material e a posição subalterna no concerto das nações. A vocação empenhada da intelectualidade, explicada no livro de Antonio Candido, vivia um momento substancial. O nacionalismo desenvolvimentista, que tinha como adversários inevitáveis o latifúndio e o imperialismo, imprimia ao projeto de formação nacional uma dimensão dramática, de ruptura, que por momentos se avizinhava da ruptura de classes e da revolução socialista. Pois bem, esse sentimento da relevância prática e histórica do processo de estruturação está presente na concepção de Antonio Candido, onde entretanto a peculiaridade do objeto – a formação da literatura brasileira – faz ver as coisas e o seu curso em linha menos polarizada e triunfalista, ou mais cética. Digamos que os autores progressistas que historiavam a nossa formação econômica e social mostravam um movimento represado, que não se completara, e que transformaria o país se viesse a se completar. Ao passo que o livro que soube perceber o percurso efetivo da literatura nacional constatava um movimento que se completou e nem por isso transformou o Brasil. O sistema literário integrado funcionaria como uma antecipação de integrações futuras? Não demonstrava também que as elites podiam ir longe, sem necessidade de se fazerem acompanhar pelo restante do país? Serão ritmos desiguais, que nalgum momento convergirão para formar um uníssono? São discrepâncias que fazem duvidar da hipótese e até da necessidade – segundo o prisma – da convergência? Quais os ensinamentos a tirar dessas *constelações de resultados*, que sintetizam a experiência nacional e armam equações decisivas para o mundo contemporâneo? (2014, p. 66-67)



Note-se o termo empregado por Schwarz para avaliar o sofisticado problema formulado por Candido na *Formação*: constelações de resultados. Como o próprio Schwarz referiu a filiação benjaminiana do conceito, não precisamos nos repetir. O tipo de análise empreendida por Candido na *Formação*, embora localizada no período nacional-desenvolvimentista brasileiro, como estavam os pares de Candido no campo econômico e social, chega a resultados diferentes deles pela natureza do sistema literário, capaz de formar-se antes que esteja formado o país. Essa constatação de Candido possibilita a série de perguntas formuladas por Schwarz que deslinda dinâmicas do meio literário e também do ambiente social. Ao configurar o sistema literário da forma como fez, Candido identificou concentrados de tensões, para usar a terminologia benjaminiana, que se irradiam em novos problemas – precisamente a ideia de constelação.

Também em *Os sete fôlegos de um livro*, Schwarz responde algumas críticas dirigidas à *Formação*, entre elas a de Haroldo de Campos, classificada por ele como disparate. Schwarz ironiza a argumentação haroldiana expressa na fórmula “sequestro do barroco”, além de discordar das afirmações de Haroldo quanto à metafísica nacionalista e as ilusões da origem e da evolução linear que este vê no livro de Candido (2014, p. 60-61). E Schwarz continua:

Depois de fazer de Antonio Candido um misto brasileiro de Hegel e Heidegger – o que é um erro de pessoa dos mais extravagantes – fica fácil apontá-lo como ideólogo do Brasil metafísico. No caso, se vejo bem, a boa crítica entraria pelo rumo contrário e desconstruiria as generalidades de Derrida – tão estéreis do ponto de vista do conhecimento – à luz de uma problemática efetiva. (2014, p. 61)

Mais do que acusar ou defender os autores citados, o objetivo deste texto é mostrar as articulações possíveis entre eles. Schwarz expressa enfaticamente sua discordância em relação à leitura derridiana empreendida por Haroldo, mas nada diz a respeito das categorias benjaminianas presentes em *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira* (1989). É também à ideia de constelação que Haroldo de Campos recorre para acusar o modelo de Antonio Candido de ser linear, de tradição contínua, sua concepção de história evolutivo-linear-integrativa. Um dos capítulos de *O sequestro do Barroco* se intitula precisamente *Por uma história constelar*; nele Haroldo diz:



[...] se pensarmos, com Walter Benjamin, que ‘a história é objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas antes um tempo carregado de **agoridade**’; se entendermos que ‘é irrecuperável, arrisca desaparecer, toda imagem do passado que não se deixe reconhecer como significativa pelo presente a que visa’; se ponderarmos que ‘articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo **como ele de fato foi**’, teremos conjurado, por um lado, a ‘ilusão objetivista’ e, por outro, a ‘ilusão positivista’ do encadeamento causal dos fatos como aval de sua historicidade. [...] Poderemos imaginar assim, alternativamente, uma história literária menos como **formação** do que como **transformação**. Menos como processo conclusivo, do que como processo aberto. Uma história onde relevem os momentos de ruptura e transgressão e que entenda a tradição não de um modo ‘essencialista’ (‘a formação da continuidade literária – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo’, como ela é concebida na *Formação*), mas como uma ‘dialética da pergunta e da resposta’, um constante e renovado questionar da diacronia pela sincronia (2011, p. 65-66).

Excede aos propósitos deste texto avaliar quanto de equívoco há na interpretação que Haroldo faz da *Formação*. O ponto é outro: sublinhar que tanto Roberto Schwarz quanto Haroldo de Campos mobilizam Walter Benjamin, seja na defesa seja no ataque do/ao modelo *Formação*. Com isso podemos passar ao segundo ponto que nos interessa aqui: a dinâmica tradução e sistema literário. Em *Da tradução como criação e como crítica* (1962), texto central para os estudos da tradução no Brasil, Haroldo de Campos defende o que vem limpidamente expresso no título: a tradução como processo criativo e crítico. Com isso, Haroldo positiva a tarefa tradutória, descolando-a do lugar rebaixado de cópia servil, e conferindo a ela papel destacado na história literária brasileira. Nesse movimento, Haroldo traz para o centro do raciocínio uma figura ridicularizada por historiadores literários: Odorico Mendes. Nas palavras de Haroldo de Campos:

No Brasil, não nos parece que se possa falar no problema da tradução criativa sem invocar os manes daquele que, entre nós, foi o primeiro a propor e a praticar com empenho aquilo que se poderia chamar uma verdadeira teoria da tradução. Referimo-nos ao pré-romântico maranhense Manuel Odorico Mendes (1799 – 1864). Muita tinta tem corrido para depreciar o Odorico tradutor, para reprovar-lhe o preciosismo rebarbativo ou o mau gosto de seus compósitos vocabulares. Realmente, fazer um *negative approach* em relação a suas traduções é empresa fácil, de primeiro impulso, e desde Sílvio Romero [...] quase não se tem feito outra coisa. Mais difícil seria, porém reconhecer que Odorico Mendes, admirável humanista, soube desenvolver um sistema de tradução coerente e consistente, em que seus vícios (numerosos sem dúvida) são justamente os vícios de suas qualidades, quando não de sua época. [...] Naturalmente, a leitura das traduções de Odorico é uma leitura bizarra e difícil (mais difícil que o original, opina, com alguma ironia, João Ribeiro, que, aliás, o encarou compreensivamente). Mas na história criativa da poesia brasileira, uma história que se há de fazer, em muitas



vezes, por versos, excertos de poemas, ‘pedras de toque’, antes que por poemas inteiros, ele tem um lugar assegurado. E para quem se enfronhar na sua teoria da tradução, exposta fragmentariamente nos comentários aos cantos traduzidos, essa leitura se transformará numa intrigante aventura [...]. (2013, p. 8-12)

Ao problematizar a escala valorativa mais ou menos consensual quando o assunto é tradução – quanto mais “fiel” ao original, melhor – e ao localizar Odorico em uma pretensa história criativa da poesia brasileira, Haroldo está operando com uma noção muito interessante de tradição nacional, que inclui a tradução. A partir desse raciocínio, as críticas que Haroldo faria quase trinta anos depois ao modelo *Formação* (lembrando, *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira* é de 1989) ganham novos contornos. Para quem acompanha o debate sobre o papel central que a tradução pode ter na formação de tradições locais, atuando como força inovadora na elaboração de novos repertórios, novas linguagens, técnicas e padrões composicionais (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 4), é no mínimo incômodo constatar o espaço secundário que a tradução ocupa na *Formação* de Candido.

Enfatizando as datas: a *Formação*, de Antonio Candido, é de 1959; *Da tradução como criação e como crítica*, de Haroldo de Campos, de 1962. Quando Candido publicava sua monumental interpretação da tradição literária brasileira, Haroldo tornava pública sua original proposta de cruzamento entre tradução e tradição. De novo, queremos evitar o raciocínio antitético e propor mediações entre os dois modelos⁶. Embora sem a devida ênfase, a tradução está presente no modelo *Formação*, já que ela atravessa qualquer debate sobre “influência” ou sobre a dialética cosmopolitismo e localismo, assuntos do livro de Candido.

Mais de uma década depois de *Formação*, Candido publica *Os primeiros baudelairianos* (1973), texto em que o cruzamento tradução e tradição recebe a ênfase necessária. Nesse texto, Antonio Candido apresenta uma excelente reflexão sobre o papel das traduções/imitações de Baudelaire no Parnasianismo brasileiro. Opondo-se ao veredito de Machado de Assis, que em texto de 1879 acusou de errônea a tradição de Baudelaire no Brasil – e Candido dá o devido destaque à possibilidade de que Machado

⁶ Aqui vale a nota para o trabalho de Germana Henriques Pereira de Souza, que vem escrevendo sobre o tema. Ver especialmente *Tradução e sistema literário: contribuições de Antonio Candido para os Estudos da Tradução*, Cadernos de Tradução – UFSC, v. 35, 2015.



pudesse falar de tradição baudelairiana tão cedo –, Candido historiciza as traduções “deformadoras” dos baudelairianos brasileiros, identificando seu papel na tradição local:

Machado tinha razão formalmente; mas hoje podemos perceber que historicamente a razão estava com os moços que deformavam segundo as suas necessidades expressivas, escolhendo os elementos mais adequados à renovação que pretendiam promover e de fato promoveram. Esses elementos [...] representavam atitudes de rebeldia. Como os de hoje, os jovens daquele tempo, no Brasil provinciano e atrasado, faziam do sexo uma plataforma de libertação e combate, que se articulava à negação das instituições. Eles eram agressivamente eróticos, com a mesma truculência com que eram republicanos e agrediam o Imperador, chegando alguns ao limiar do socialismo. Portanto, foi um grande instrumento libertador esse Baudelaire unilateral ou deformado, visto por um pedaço, que fornecia descrições arrojadas da vida amorosa e favorecia uma atitude de oposição aos valores tradicionais, por meio de dissolventes como o tédio, a irreverência e a amargura. (CANDIDO, 2006, p. 31)

Não parece exagerado identificar sintonia entre esse raciocínio de Candido e a defesa da tradução como criação e como crítica defendida por Haroldo. E a referência a Baudelaire nos permite voltar a Benjamin. O já citado *A tarefa do tradutor* é o prefácio escrito por Benjamin para sua tradução de *Quadros parisienses*, parte de *As flores do mal*. A positivação da tarefa do tradutor está presente tanto no texto de Benjamin quanto no ensaio de Haroldo. E vale lembrar que Schwarz, em trecho citado anteriormente, elogia a linha *estereoscópica* de Walter Benjamin, sua capacidade para avaliar a importância do mercado na poesia de Baudelaire. Considerando que Benjamin traduziu Baudelaire, cabe cogitar que parte de sua perspicácia como crítico e como historiador vem de seu trabalho como tradutor.

Com esses cruzamentos, espero que não absurdos, propomos que a leitura de Haroldo de Campos da tradução como criação e como crítica pode ser complementar ao modelo *Formação*. Sabemos que a tradição nacional é atravessada por referências internacionais que são apropriadas pelos autores locais, logo a tradição também comporta a tradução. Embora essa presença da tradução pareça ser um pressuposto dos críticos materialistas aqui estudados (Antonio Candido e Roberto Schwarz) a lateralidade da tradução no raciocínio dá margem para críticas como as de Haroldo. Isso não quer dizer que as conclusões de Candido e Schwarz seriam outras e melhores se eles colocassem em primeiro plano a tradução como determinante para a importação de formas estrangeiras em contextos periféricos. Quer dizer que se o fizessem, seriam mais materialistas.



Para ficar em um exemplo: *Germinal*, de Zola, foi publicado na França em 1885 e no mesmo ano foi traduzido para o português de Portugal. *L'Assommoir* foi publicado na França em 1877, foi logo depois adaptado para o teatro na França e essa adaptação, traduzida para o português, foi apresentada no Theatro São Luiz (RJ), em 1881, e gerou um bom número de comentários na imprensa da época⁷. Salvo engano, essas traduções/adaptações de Zola para o português compõem mas não entram abertamente no raciocínio de Candido (em *De cortiço a cortiço*) nem de Schwarz (em *Adequação nacional e originalidade crítica*). Qual Zola inspirou Aluísio? Ele leu no original? Mesmo que tenha lido em francês, essa leitura é localizada na periferia, com toda a irregularidade da circulação de livros, domínio de idioma, etc.

Para finalizar com Walter Benjamin, essa referência compartilhada por todos, vale lembrar que, a partir de Benjamin, é possível aproximar as tarefas do crítico, do historiador e do tradutor. Incluir a tradução no debate sobre história literária não leva necessariamente à ilusão de um espaço literário internacional desierarquizado, como em parte faz Haroldo, e uma das principais ressalvas dos críticos materialistas ao seu raciocínio. Pelo contrário, fazer a pergunta pelo papel da tradução na formação das tradições locais torna a análise ainda mais materialista, entendendo essa análise como atenta às complexidades estéticas e históricas, às dinâmicas da circulação internacional das formas, aos diferentes agentes que possibilitam o triângulo autor/obra/público – entre eles, o tradutor.

Referências:

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)*. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

⁷ Ver João Roberto Faria, *A recepção de Zola e do Naturalismo nos palcos brasileiros*. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/fariazola.pdf>>.



CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*. Organização de Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750 – 1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário*. Tradução de Leandro de Ávila Braga. Revista Translatio, n. 3, 2012.

FARIA, João Roberto. *A recepção de Zola e do Naturalismo nos palcos brasileiros*. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/fariazola.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. Tradução das teses Jeanne Marie Gagnebian e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUCENA, Karina de Castilhos. *História, História da literatura, História da tradução: a tarefa-renúncia*. Revista Linguagem & Ensino (UFPEL). v. 22, n. 2, 2019.

PRESSLER, Gunter Karl. *Benjamin, Brasil*. São Paulo: Annablume, 2006.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Tradução e sistema literário: contribuições de Antonio Candido para os Estudos da Tradução*. Cadernos de Tradução – UFSC, v. 35, 2015.